

# DIADORIM, DELICADO E TERRÍVEL

Ana Luiza Martins Costa\*

para seu Zito, vaqueiro do sertão

## RESUMO

A partir de um trabalho de pesquisa no sertão de Minas Gerais e no livro *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, demonstro que a palavra “vereda” designa não apenas caminho da estrada ou da água, mas é, também, ausência de caminho ou um falso caminho, de aparência enganosa. Essa ambigüidade, presente no título do romance e em todas as suas páginas, é analisada através de Diadorim, tal como evocado por Riobaldo em sua narrativa: um ser ambíguo, estranho e movediço, delicado e terrível, masculino e feminino, que encanta e repulsa. Se Diadorim possui traços femininos, no entanto, também reúne em si as qualidades masculinas mais valorizadas no universo guerreiro dos jagunços: a coragem extrema, o vigor e ferocidade na luta, características que o colocam lado a lado com os heróis homéricos.

**Palavras-chave:** Diadorim; Vereda; Buriti; Ambigüidade; Comparações com animais; Herói homérico.

**G**rande sertão: veredas é um livro que provoca nos leitores uma sensação de estranhamento. E muito de sua força provém dessa sensação, que nos é suscitada por sua linguagem e forma narrativa, pelo mundo que descreve, suas estórias e personagens. É um livro que também desperta nos leitores o desejo de conhecer o sertão “para sortimento de conferir o que existe”, à semelhança do que ocorre quando alguém lê Proust e deseja provar uma *madeleine*, quando lê Joyce e quer passear em Dublin, ou até mesmo quando lê Homero e sonha em contemplar as altas muralhas de Tróia.

Quando terminei de ler o *Grande sertão*, eu queria ver uma vereda e descobrir se os buritis acenam mesmo aos passantes com suas folhas em leques. Então viajei para o interior de Minas Gerais, para a beira do rio São Francisco, onde encon-

---

\* Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

trei o vaqueiro Zito, que me levou para conhecer uma vereda. O seu Zito – a alegria em pessoa, que deixou imensa saudade – era um personagem vivo de Guimarães Rosa.<sup>1</sup> Eles se conheceram em maio de 1952, quando o escritor foi para o sertão trabalhar como ajudante de vaqueiro e colher material para o seu novo livro, que depois se desdobrou em dois: **Corpo de baile** e **Grande sertão: veredas**, publicados em 1956. Eles conduziram juntos uma boiada, de vereda em vereda, numa viagem que ficou famosa pelas fotos de Rosa a cavalo, vestido de vaqueiro, e pelas cadernetas que deixou, repletas de anotações sobre o mundo dos vaqueiros e a natureza exuberante do sertão.<sup>2</sup> E o seu Zito acabou virando personagem do **Tutaméia**, imortalizado por Rosa como o “vaqueiro poeta” que entendia, e muito, dos “remédios da beleza”.

### A AMBIGÜIDADE DA VEREDA

Quando se começa a ler o **Grande sertão: veredas**, logo se percebe que a palavra vereda não quer dizer apenas “caminho”, que é o significado usual deste termo e a primeira definição que aparece nos dicionários. É este o sentido que está presente em **Os sertões**, de Euclides da Cunha, em várias passagens do livro, algumas até bem conhecidas, como na primeira parte, a “Terra” (1979, p. 29), onde o autor descreve o sertão da caatinga como um mar de galhos estorcidos e revoltos que “abre-viam o olhar”, “afogam”, “agridem”, “estonteiam” e “repulsam”: “Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua”. E também na sua **Caderneta de campo** (1975, p. 20), onde Euclides registra a viagem para Canudos através do sertão da Bahia, está escrito à mão: “vareda – vereda, caminho”.

Mas no sertão de Minas Gerais, por onde Guimarães Rosa andou em suas viagens de pesquisa, a vereda é o reino dos buritis – essa palmeira tão bela e elegante que nasce no “gerais” e que os leitores de Rosa conhecem muito bem. O “gerais”, o “sertão dos campos gerais”, é terra de buriti e “rei-trovão”, onde “a vista reta vai longe, longe, nunca esbarra” por cima do chapadão.<sup>3</sup> As veredas são vales de chão argi-

<sup>1</sup> A partir desta e de várias outras viagens pelo sertão de Minas Gerais, e de muitas conversas prazerosas com seu Zito (José Henriques Ribeiro), que conheci em 1996, escrevi o roteiro do documentário “Buriti” (abril de 2001), onde ele apresenta uma vereda à atriz Regina Casé, e relembra passagens de sua viagem com Rosa pelos campos gerais. “Buriti” foi exibido na TV Futura (dentro da série **Um pé de quê?**, sobre árvores brasileiras), no II Seminário Internacional Guimarães Rosa (agosto/2001), e na 8ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico (RJ, novembro de 2001). Seu Zito faleceu em julho de 2001.

<sup>2</sup> As cadernetas da viagem de 1952 foram consultadas no Arquivo Guimarães Rosa, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP): são os documentos inéditos **A boiada 1** e **A boiada 2**. Para uma análise das cadernetas, ver Martins Costa, “As cadernetas do viajante João Rosa” (1996), “Rosa, leitor de relatos de viagem” (2000) e “João Guimarães Rosa, *viator*” (1999-2000).

<sup>3</sup> Como o próprio Rosa explica a Edoardo Bizzarri (1972, p. 27-28), o tradutor italiano do **Corpo de baile** (em carta de 11/10/1963), o chapadão é uma imensa chapada ou uma série de chapadas, que são planaltos de terra ruim, de arenito, onde cresce a vegetação típica de cerrado: arbustos e capim áspero, de péssima qualidade, e vários tipos de árvores tortas e baixas que possuem raízes que vão a grandes profundidades.

loso onde aflora a água absorvida nos terrenos porosos das chapadas. Nas veredas há sempre buritis. E onde tem buriti tem água. Como diz Riobaldo, “o buriti é das margens”, ele “quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho”. (GSV, 1976, p. 235)

A vereda é o reino dos buritis: a *Mauritia flexuosa* ou *Mauritia vinífera*, que são os nomes científicos dessa palmeira, classificada pelos botânicos como uma planta “dióica” ou “polígamo dióica”, ou seja: há “indivíduos” com flores masculinas, “indivíduos” com flores femininas e “indivíduos” hermafroditas. Rosa incorpora este saber científico na novela “Buriti”, do **Corpo de baile**, através dos nomes de dois personagens, um masculino e outro feminino: Liodoro Maurício, filho de vovó Maurícia, dono da fazenda “Buriti Bom”, onde se passa a estória.<sup>4</sup> O que também confere com a própria visão de seu Zito, para quem há buritis femininos (que lembram mocinhas acenando ou tocando ventarolas) e masculinos (que se parecem com homens sisudos e imponentes, velhuscos, mal-encarados).

A vereda é um verdadeiro oásis repleto de pássaros cantando, principalmente ao raiar do dia e ao entardecer. Se as chapadas são de um verde comum, as veredas são de um verde muito intenso: “verde a verde, veredas”. Ali a terra é fértil. As encostas que descem das chapadas para as veredas são conhecidas localmente como “resfriados”, porque são úmidas e cobertas com uma grama verdinha e macia. É um lugar muito belo e aprazível. Guimarães Rosa ficou tão encantado com os “buritis dos ventos” contemplados em sua viagem de 1952 que descreveu muitas veredas em suas cadernetas, como se vê nessas passagens:

Vereda do flanco da serra.

Todo lugar de beira de vereda chama-se “resfriado”.

O capim com florinhas, amarelas.

O vento no capim – poeira verde, gas verde...

(...)

Vereda mais funda, sulcada. Buritis grandes e buritis novos – êsses por sêcos, côr de mata, ou como aves pedrêses; parte em prata, parte em verde, parte em cinza. Maravilha!...

(dia 19 de maio de 1952, “A boiada 1”, p. 3, Arquivo Guimarães Rosa, IEB/USP)

12hs. 20’ - Costeamos bela larga vereda – a mais bela – com buritis grandes e meninos, verde e amarelo oiro. Nêles o vento zumbe. As fôlhas altas, erectas, se dedejam. Vários leques, cada um.

“Sofrer” – amarelo e preto. Bandos dêles, nos buritis.

12 hs. 40’ – Bandos de sofrês, nos buritis. Cantam!

(dia 21 de maio de 1952, “A boiada 1”, p. 16, Arquivo Guimarães Rosa, IEB/USP)

---

<sup>4</sup> Como notou Costa Lima (1974, p. 141), “Liodoro chama-se no completo Liodoro Maurício, filho de vovó Maurícia, sabendo-se que *Mauritia vinífera* é o nome científico do buriti. Já pelo nome, portanto, ele mostra sua similaridade com o vegetal”.

E, depois, tornou a descrevê-las inúmeras vezes nos livros de 1956:

E como cada vereda, quando beirávamos, por seu resfriado, acenava para a gente um fino sossego sem notícia – todo buritizal e florestal: ramagem e amar em água. (GSV, 1976, p. 233)

Os buritis faziam alteza, com suas vassouras de flores. Só um capim de vereda, que doitava de ser verde – verde, verde, verdeal. Sob oculto, nesses verdes, um riachinho se explicava: com a água ciririca – “Sou riacho que nunca seca...” – de verdade, não secava. Aquele riachinho residia tudo. (“Uma estória de amor”, do *Corpo de baile*, 1977, p. 189)

Mas o buriti era tão exato de bonito! (“Campo geral”, do *Corpo de baile*, 1977, p. 67)

O buriti? Um grande verde pássaro, fortes vezes. Os buritis estacados, mas onde os ventos se semeiam. (“Buriti”, do *Corpo de baile*, 1965, p. 97)

(...) e os brejos compridos desenrolados em dobras de terreno montanho – veredas de atoleiro terrível, com de lado e lado o enfile dos buritis, que nem plantados drede por maior mão: por entre o voar de araras e papagaios, e no meio do gemer das rolas e do assovio limpo e carinhoso dos sofrês, cada palmeira semelhando um bem-querer, coroada verde que mais verde em todo o verde, abrindo as palmas numa ligeireza, como sóis verdes ou estrelas, de repente. (“O recado do morro”, do *Corpo de baile*, 1976, p. 26-27)

*Buriti dos Gerais verdes, / quem te viu quer te ver mais:  
pondo o pé nas águas beiras / – buriti, desses Gerais...*  
 (“Cara-de-bronze”, do *Corpo de baile*, 1976, p. 76)

Os cavaleiros tomavam pela meia-encosta de um resfriado, e na vereda abaixo os buritis estalavam de verde novo, sob o agarrar de muitos pássaros, remexendo nas frondes, nos cachos de coquinhos mal nascidos, clamando fino e transvoando. Cada palmeira ficava de uma raça: quando era sofrê, amadurecia só de sofrê; quando maitaca, o verde até azulava; os papagaios sarapintavam amarelos pontos; mas as araras mandavam e ralhavam onde queriam, toda a parte. (“A estória de Lélío e Lina”, do *Corpo de baile*, 1976, p. 144-145)

E o coração e corôo de tudo, o real daquela terra, eram as veredas vivendo em verde com o muito espelho de suas águas, para os passarinhos, mil – e o buritizal, realegre sempre em festa, o belo-belo dos buritis em tanto, a contra-sol. (“O recado do morro”, do *Corpo de baile*, 1976, p. 66)

E os buritis – mar, mar. (“Buriti”, do *Corpo de baile*, 1965, p. 124)

No **Grande sertão**: veredas, Guimarães Rosa chegou a inventar palavras para descrever esse belo espetáculo das veredas: “Buriti – verde que afina e *esveste, belimbeleza*” (p. 37); “o *flaflo* de vento agarrado nos buritis, franzido no gradeal de suas folhas altas” (p. 233); “ah, a *papeagem* no buritizal, que *lequelequêia*” (p. 39); “Que é que diz o *farfâl* das folhas? (...) O senhor escute o buritizal”. (p. 237)

No sertão dos campos gerais, “as estradas, em geral, preferem ou precisam de ir, por motivos óbvios, contornando as chapadas, pelos resfriados, de vereda em

vereda”: é o que Rosa explica ao seu tradutor italiano, ressaltando que talvez esteja aí a “etimologia da designação: vereda”.

Se, nesse sentido, a vereda é o caminho da estrada, no entanto ela também é caminho d’água, ou seja, essa aguinha que aflora e vai engrossando e engrossando, formando córregos que depois se transformam em rios:<sup>5</sup> “Daí longe em longe, os brejos vão virando rios. Buritizal vem com eles, buriti se segue, segue” (p. 27). É esse sentido, explicitado pelo próprio Riobaldo, que está presente no comentário de Arrigucci Jr. (1994, p. 23) sobre o nome do romance: “a justaposição dos termos do título, em que o *grande sertão* se abre para as *veredas*”, reforça a “impressão metafórica de labirinto fluvial”, onde as veredas são também caminhos possíveis da narrativa, compondo um verdadeiro labirinto de pequenas estórias, causos ou narrativas que se entrecruzam numa grande rede, “até que, de súbito, se descortina, com a evocação de Diadorim e da paisagem, o *grande sertão*: o vasto mar da guerra jagunça, que é o espaço épico propriamente dito”.

No entanto, viajando pelo sertão, acabei descobrindo ainda um outro sentido inédito para a palavra “vereda”, que aprofunda e esclarece a relação entre o título e o conteúdo do livro: vereda é também o contrário de caminho. Como bem explicava o seu Zito, que conduziu muitas boiadas pelos campos gerais, a vereda é “pantano” (sic): “não dá para cruzar uma vereda pelo meio, porque atola. É preciso contornar pelas cabeceiras, sempre”. Aquele capim verdinho e macio que envolve as veredas, na verdade é muito traiçoeiro, é movediço: “quem entra, afunda”.

Vista de fora, a vereda é um lugar muito aprazível, *locus amoenus*. Mas pode ser muito perigosa para quem se aventura a entrar nela. É pantanosa e é também o lugar onde mora a terrível sucuiú – ou sucruíú, surucuiú, sucurijú –, a “cobra-monstra” das veredas, que é tão grande que parece um tronco de buriti, conforme nos explica dona Gegê, que mora ao lado de uma vereda no norte brabo de Minas:<sup>6</sup> “Sucruíú é cobra monstra. Fica ali na vereda. Come boi, porco, gente. É mais forte que ema. É do tamanho daquele buriti lá... É bonita, toda malhada, pintada, brilhosa”. Dona Gegê também nos ensina como fazer para catar os coquinhos do buriti sem correr o risco de encontrar uma sucruíú:

Os meninos apanha carrasca pra ver sucruíú gemer... Carrasca? É a folha nova do buriti, que cai. Arruma a carrasca no chão, pega e bate com força. É igual um tiro

---

<sup>5</sup> Como já observou Arrigucci Jr. (1994, p. 23): “A sugestão fluvial está posta já no título, pela presença do termo ‘veredas’, que no falar regional do sertão significa o curso fluvial pequeno, além da acepção normal de trilha ou caminho: ‘Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é *vereda*. E algum ribeirão’ (GSV, p. 59). Na topografia sertaneja, as terras baixas e alagadiças das veredas, reino dos belos buritis, são caminhos naturais em meio às chapadas, cujas encostas, os ‘resfriados’, na designação do lugar, já insinuam a presença da água”.

<sup>6</sup> Entrevistei dona Gegê em sua casa, num lugar chamado Vereda do Tamanduá, localizado nas imediações da fazenda Santa Catarina, no meio da antiga estrada de terra que liga a cidade de São Francisco à Serra das Araras.

de espingarda. Sucruiú não gosta. Vai pro bucho dela. Ela dá um gemidão assim, ó: “hum”. Sucruiú turra que estremece o chão. Um turrado esquisito... Sucruiú grita pra lá e os meninos ficam sabendo...

Hoje em dia, com o desmatamento do cerrado e a sua substituição por gigantescas plantações de eucalipto, as veredas estão secando e a sucuri está virando raridade. No entanto, ela permanece bem viva no imaginário sertanejo e ainda sobrevive nos “bravios de ali além”, nos “buritizais enormes” do norte e noroeste de Minas. Em Januária e Carinhanha (já na Bahia, na divisa de Minas) ainda se encontra à venda, nas barracas de raizeiros, a famosa banha de sucruíú, muito procurada para “amolecer junta dura” e soltar “nervo encolhido”. Dizem até que os bons tocadores de viola sempre passam a banha na ponta dos dedos para amaciá-los.

Também no **Grande sertão**, Riobaldo nos alerta sobre a “mãe-cobra” das veredas:

[nos “buritizais enormes” das nascentes dos rios Carinhanha e Piratinga] Por lá, sucuri geme. Cada surucuiú do grosso: voa corpo no veado e se enrosca nele, abo-fa – trinta palmos! Tudo em volta, é um barro colador, que segura até casco de mula, arranca ferradura por ferradura. Com medo de mãe-cobra, se vê muito bicho retardar ponderado, paz de hora de poder água beber, esses escondidos atrás das touceiras de buritirana.<sup>7</sup> (GSV, 1976, p. 27)

No sertão de Minas, dizem até que o fruto do buriti, aquele coquinho marrom-avermelhado, é recoberto de escamas porque é filhote de sucruíú. Falam também que ela hipnotiza as pessoas lentamente, olho no olho, para depois carregar sua presa num abraço mortal. E como bem dizia o seu Zito, “quando sucuri pega, Deus vira as costas”.

Então, quando se lê **Grande sertão: veredas**, já no título do livro está presente uma ambigüidade: vereda como *caminho* e também como *ausência de caminho* ou como um *falso caminho*, de aparência enganosa; vereda como lugar ameno, aprazível, que encanta e deleita e *também* como lugar perigoso, movediço, traiçoeiro, que leva à perdição, enganador como o demo. Uma ambigüidade e uma fluidez que perpassa todo o romance, desde o primeiro parágrafo do livro, quando o velho jagunço Riobaldo é chamado por causa de um bezerro que tinha nascido com “cara de gente, cara de cão”, e que “figurava rindo feito pessoa”. Uma coisa misturada, gente e também bicho, ao mesmo tempo: “Determinaram – era o demo”. A linha central do livro

<sup>7</sup> A sucuri também é mencionada em “Dão-lalalão”, do *Corpo de baile* (1965, p. 8): “Nesses brejos maiores de vereda, e nos corguinhos e lagoas muito limpas, sucuri mora. Às vezes ela se embalança, amolecida, grossa, ao embate da água, feito escura linguíça presa pelas pontas, ou sobeja serena no chão do fundo, como uma sombra; tem quem escute, em certas épocas, o chamado dela – um zumbo cheio, um ronco de porco; mas se esconde é mais, sob as folhas largas, raro um pode ver quando ela sai do poço, recolhendo sol, em tempo bom.” Ver, ainda, “Como ataca a sucuri”, do *Tutaméia*.

é a quase impossibilidade de se distinguir o que é um do que é outro. Como diz Riobaldo, “este mundo é muito misturado”: o bem e o mal, Deus e o demônio, o bom e o ruim, o preto e o branco, o feio e o bonito, a alegria e a tristeza. As coisas são e não são.<sup>8</sup>

## A AMBIGÜIDADE DE DIADORIM

No **Grande sertão: veredas**, as veredas sempre “conduzem” ao personagem Diadorim, com seus olhos muito verdes e “folhudas pestanas”:

Olhei: aqueles esmerados esmertes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam um efeito de calma, que até me repassasse.<sup>9</sup> (p. 81)

Diadorim, Diadorim, oh, ah, meus buritizais levados de verdes... (p. 453)

O senhor vê: o remôo do vento nas palmas dos buritis todos, quando é ameaço de tempestade. Alguém esquece isso? O vento é verde. (p. 220)

*Buriti, minha palmeira, / lá na vereda de lá:  
casinha da banda esquerda, / olhos de onda do mar...*  
Mas os olhos verdes sendo os de Diadorim. (p. 42)

Diadorim (...) a voz dele se paliava (...) feito o sussurro, nessas veredas, mão mansa, de tardinha, descabelando o buritizal. (p. 351)

E, de tardinha, quando voltou o vento, era um fino soprado seguido, nas palmas dos buritis, roladadas uma por uma. E o bambual, quase igualmente. Som bom de chuvas. Então, Diadorim veio me fazer companhia. (p. 38)

As veredas nos levam até Diadorim, que é justamente um personagem ambíguo, estranho e movediço, que desponta como um enigma a ser decifrado: ele é delicado e terrível, encanta e repulsa, masculino e feminino.<sup>10</sup> Como bem dizia Riobaldo logo no início de seu relato (p. 22), “Diadorim é a minha neblina...”.

Este deslizamento constante de sentido, essa “astúcia” que as coisas têm de “fazer balancê”, percorre todas as páginas do livro e está presente até mesmo no no-

---

<sup>8</sup> Dentre os trabalhos que analisam os deslizamentos de sentido no romance, destacam-se: Antonio Candido (1957); Costa Lima (1966); Walnice Galvão (1972); Garbuglio (1972) e Arrigucci Jr. (1994).

<sup>9</sup> No **Universo e vocabulário do ‘Grande sertão’**, de Nei Leandro de Castro (1982), *esmerate* vem do inglês *smart*: vivo, picante, irônico, elegante. Em **O léxico de Guimarães Rosa**, Nilce Sant’Anna Martins (2001) acrescenta: “esperto, vivo, inteligente, astucioso, sagaz, solerte, artimanhoso”. E ainda lembra que F. Utéza (1994, p. 258) “diz ser o anglicismo *esmerate* explicado e reduplicado pelo vernacular *esmerado*, remetendo ambos à esmeralda, ou seja, à pedra preciosa de grande poder regenerador, segundo a tradição, e que é também a Pedra de Hermes”.

<sup>10</sup> Alguns dos temas aqui mais desenvolvidos sobre Diadorim foram objeto de uma apresentação sobre “Diadorim belo feroz”, na Mesa-redonda “Literatura e virilidade feminina”, do Seminário *Vozes femininas*, organizado por Flora Sússekind, Tânia Dias e Carlito Azevedo (Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, maio de 2001).

me Diadorim, pois o sufixo “im” indica uma imprecisão de gênero,<sup>11</sup> ou então, como o próprio Rosa observou acerca do linguajar sertanejo, o diminutivo – “im”, de “trenzim”, “Zezim” ou “dioguim” – é usado como “termo de aproximação, de mais ou menos”.<sup>12</sup>

No **Grande sertão: veredas**, ao longo de todo o seu relato rememorativo, Riobaldo vai sempre sinalizar – mas sem fornecer a chave, pois a “revelação” só ocorre no final do romance – o modo de ser insólito de seu companheiro de armas. Pouco a pouco, ele vai deixando claro que foi seduzido por sua estranheza, num misto de atração e repulsa, desde o primeiro encontro deles, na beira do rio de-Janeiro: “ele, o menino, era dessemelhante”; “ele era muito diferente”; “não dava minúcia de pessoa outra nenhuma”. Diferença que ele lembra ter sido assumida pelo próprio menino, que se dizia “diferente de todo o mundo”, cumprindo uma sina imposta pelo pai.

À medida que a leitura do livro avança, esta esquisitice de Diadorim, que permeia cada lembrança evocada por Riobaldo, vai ganhando força e dando o tom o relato. Ficamos sabendo que, além dele possuir dois nomes – um nome oculto, Diadorim, que é o segredo compartilhado a sós com Riobaldo, e um nome público, Reinaldo, pelo qual é conhecido dentro do bando –, ele tem um comportamento bizarro que o diferencia dos outros jagunços. Ele é um “homem terrível”, “duro sério”, um guerreiro “feroz” com uma “coragem de ferro”, e também é “belo”, “delicado”, “galante moço” com “feições finas, caprichadas”, “galhardo garboso”, “guapo”, “maninel”:<sup>13</sup>

Ele acinzentou a cara. Tremeu, aos pingos, no centrozinho dos olhos. Revi que era o Reinaldo, que *guerreava delicado e terrível nas batalhas*. Diadorim, *semelhasse maninel, mas diabrável sempre assim*, como eu agora eu estava contente de ver. Como era que era: o único homem que a coragem dele nunca piscava; e que, por isso, foi o único cuja toda coragem às vezes eu invejei. Aquilo era de chumbo e ferro. (GSV, 1976, p. 324, grifo meu)

Do ponto de vista da cultura sertaneja e dos valores masculinos do universo jagunço, o Diadorim que brota da memória de Riobaldo exhibe certos traços de feminilidade, disseminados e dissimulados aqui e ali ao longo de todo o relato. Riobaldo

<sup>11</sup> Cf. Campos (1991, p. 341); e Garbuglio (1972, p. 73). Dentre os trabalhos que analisam Diadorim, destacam-se, ainda: Proença (1973); Rosenfield (1993); Utéza (1994); Starling (1999); Bolle (2001); e Coutinho (2001).

<sup>12</sup> Foi o que Rosa anotou numa de suas cadernetas da viagem com a boiada, no dia 25 de maio de 1952: “m%: o diminutivo como termo de aproximação, de mais ou menos” (*A boiada 2*, p. 61).

<sup>13</sup> Cf. **Dicionário Aurélio Séc. XXI**, *galante* é “gracioso, gentil, donairoso, esbelto; distinto, elegante, polido; engraçado, espirituoso, divertido; licencioso, picante”; *galhardo* é “*garboso*, elegante, bizarro, bem-apeado; generoso, gentil; bravo, esforçado”; e também, curiosamente, uma das denominações do diabo (lusitanismo); *guapo* é “animoso, corajoso, ousado, valente; bonito, airoso; elegante, esbelto, *garboso*”. *Maninel* não consta do Aurélio, mas sim *maninelo*, que significa, pejorativamente, “homem efeminado”; ou ainda “bobo, idiota, palerma”. Cf. Castro (1982), *maninel* é “forma apocopada de maninelo”; e Martins (2001) acrescenta: “mocinho delicado, gentil”.

já conhece o final da estória, e ainda que não queira revelar o desfecho antes da hora, acaba se traindo, soltando pistas que só reforçam “a esquisitice dele”: sua beleza (“os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho”), a pele clara (“tão bonitos braços alvos, em bem feitos”; “como ele segurava a rédea e o rifle, naquelas mãos tão finas, brancamente”), a fina cintura, e “a voz mesma, muito leve, muito aprazível”; seus “dentes tão asseados, tão brancos”, apesar dele fumar muito; seu corpo e roupas sempre limpos (“não tinham nódoa nem amarrotado nenhum, não fuxicavam”); seus pertences enfeitados (“uma capanga bonita que tinha, com labores e três botõezinhos de abotoar. O que nela guardava era tesoura, tesourinha, pente, espelho, sabão verde, pincel e navalha”); os presentes que ele dá para Riobaldo (aquela “dita capanga”, “peça bordada e historienta”; uma “camisa de riscado fino, lenço e par de meia”); seu jeito para a dança (“aquilo é pé de salão”), ou para lidar com crianças (“Diadorim gostava deles, pegava um por cada mão, até carregava os menorzinhos, levava para mostrar a eles os pássaros das ilhas do rio. — Olha, vigia: o manuelzinho-da-crôa já acabou de fazer a muda”); sua habilidade para lavar roupa (“praticava com mais jeito, mão melhor”); o fato dele chorar em situações extremas (“ele tramava lágrimas”; “homem não chora! – eu pensei, para formas”); e até mesmo sua insistência para Riobaldo tomar banho (“Cheguei a tirar a roupa. Mas então notei que estava contente demais de lavar meu corpo porque o Reinaldo mandasse, e era um prazer fofo e perturbado. “Agançamento!” – eu pensei. Destapei raivas. Tornei a me vestir”).<sup>14</sup>

Levantar esses traços femininos de Diadorim é um verdadeiro trabalho de garimpagem. Mas para além deles, o que mais se destaca, por ser justamente o que Riobaldo assume como o mais estranho nesse “homem-d’armas, brabo bem jagunço” é a sensibilidade aguçada de Diadorim para as belezas do mundo. É o que se depreende do relato do segundo encontro deles, quando o narrador descobre que o jagunço Reinaldo é o menino. Eles acabam ficando juntos de vigia, contemplando o rio “manhãzando”:

Mas, melhor de todos – conforme o Reinaldo disse – o que é o passarim mais bonito e engraçadinho de rio-abaixo e rio-acima: o que se chama o manuelzinho-da-crôa.

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se *parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros*, em seu começar e descomeçar dos vôos e pousação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o *Reinaldo* gostava: — “É formoso próprio...” — *ele me ensinou*. (...) “É aquele lá: lindo!”. Era o manuelzinho-da-crôa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa; eles altas

---

<sup>14</sup> O termo *agançamento* não consta do Aurélio, mas sim a palavra *gança*, que significa “meretriz”. Cf. Castro (1982), *agançamento* é “ato ou procedimento de *gança*”; e Martins (2001) acrescenta: “safadeza; procedimento de prostituta (...) Viterbo registra o arcaísmo *gança* com os sentidos de ‘interesse, lucro’ e ‘mulher torpe’”.

perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquinquinim – a galinholagem deles. — “É preciso olhar para esses com um todo carinho...” – o Reinaldo disse. Era. *Mas o dito, assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem-d’armas, brabo bem jagunço – eu não entendia!* (GSV, 1976, p. 111, grifo meu)

No relato de seu passado, Riobaldo atribui a Diadorim o lugar de mestre e iniciador: dotado de uma visão poética do mundo, é ele quem inicia e ensina Riobaldo a enxergar as belezas todas do sertão, desde o seu primeiro encontro, quando o menino “chama a sua atenção” para o colorido das flores da beira do rio de-Janeiro, com suas águas claras, e “mostra” para ele os pássaros “que passavam voando por cima de nós”. Como revela Riobaldo logo no início de sua narrativa, “quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim”. Foi ele quem “pôs” em Riobaldo “o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza”, como uma marca indelével: “Mas eu gostava de Diadorim para poder saber que estes gerais são formosos”. E é assim que, ao longo do romance, que se constitui como uma verdadeira evocação amorosa, toda vez que Riobaldo evocar o sertão com suas verdades, com sua natureza deslumbrante e equívoca, ele estará evocando Diadorim, como bem notou Davi Arrigucci Jr.

O ícone dessa aprendizagem poético-amorosa é o manuelzinho-da-crôa, “de todos, o pássaro mais bonito gentil que existe”, “o passarinho lindo de mais amor”. Riobaldo nunca vai esquecer a “bizarrice daquele pássaro galante”. Bizarro assim como Diadorim. Pois não é por acaso que o jagunço Quipes “falava feito fosse o nome de um pássaro”: “Dindurinh’... Boa apelidação” (GSV, p. 429).<sup>15</sup> Mas logo depois o Quipes acrescenta, enfático: “O Reinaldo é valente como mais valente, sertanejo supro. E danado jagunço”. É pássaro galante, mas é também o sertanejo supremo, “o mais corajoso”. E Riobaldo ainda pontua, repetindo alto: “Danado...”.

## COMPARAÇÕES COM ANIMAIS

Ao longo do romance, essa bizarrice do personagem, que conjuga elementos aparentemente incompatíveis – masculino e feminino; bravo e gentil; feroz e suave; diabrável e galante; terrível e delicado –, vai se manifestar através das muitas ima-

<sup>15</sup> No final do romance, Riobaldo lista os “lembrares e sustâncias” de mais valia em sua “idéia do sentir”, dentre os quais destaco “os buritis dos buritis – assim aos cachos” e “o existir de Diadorim, a bizarrice daquele pássaro galante: o manuelzinho-da-crôa” (GSV, p. 391). Ver também Proença (1973, p. 182), para quem “o manuelzinho-da-crôa se confunde com Diadorim”.

gens naturais que são freqüentemente utilizadas por Riobaldo para descrevê-lo. Não só Diadorim é evocado como uma neblina, mas também se assemelha aos rios, bravos e ensombrados; árvores (buriti e mandacaru); e animais do sertão (jaguar ou onça, touro, cobra jararacussu, queixadas, veada-mãe, manuelzinho-da-crôa).

Diadorim, os rios verdes. (p. 235)

Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para se entender – e acho que é por isso que a gente morre. (p. 219)

O quanto também olhei Diadorim: ele, firme se mostrando, feito veada-mãe que vem aparecer e refugir, de propósito, em chamariz de finta, para a gente não dar com o veadinho filhote onde é que está amoitado... (p. 441-442)

No **Grande sertão: veredas**, há um vínculo profundo entre os personagens e a paisagem, entre o ser humano e o espaço natural, os rios, as árvores, flores e animais do sertão.<sup>16</sup> Como Riobaldo, que se identifica com o rio Urucuia,<sup>17</sup> ou Otacília, sempre lembrada como “mel do alecrim”, “sol dos rios” e “os lírios todos”. No caso de Diadorim, para além de sua associação com buritis e rios muito verdes, com “pássaro galante” e “veada-mãe” (arriscando a vida para salvar o filhote), o que mais chama a atenção são as comparações que incidem sobre a sua ferocidade e selvageria: o mandacaru, cacto da caatinga de Euclides da Cunha, que agride e repulsa com seus espinhos; os rios bravos e, principalmente, os animais perigosos do sertão – o jaguar/onça, touro, queixadas, cobra jararacussu:

[Diadorim falando] — “A pois, então, eu tomo a chefia (...) Mas, se algum achar que não acha, o justo, a gente isto decide a ponta d’armas...”

Hê, mandacará! ôi, Diadorim belo feroz! Ah, ele conhecia os caminhares. Em jagunço com jagunço, o poder seco da pessoa é que vale... (p. 64-65)

Diadorim, esse, o senhor sabe como um rio é bravo? É, toda a vida, de longe a longe, rolando essas braças águas, de outra parte, de outra parte, de fugida, no sertão. (p. 323)

O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível. Suspa! O senhor viu onça: boca de lado e lado, raivável, pelos filhos? Viu rusgo de touro no alto campo, brabejando; cobra jararacussu emendando sete botes estalados; bando doido de queixadas se passantes, dando febre no mato? E o senhor não viu o Reinaldo guerrear!... (p. 122-123)

E Diadorim, jaguarado, mais em pé que um outro qualquer, se asava e abava, de repor o medo mor. (p. 330)

---

<sup>16</sup> Ver Arrigucci Jr. (1994) e Cavalcanti Proença (1973).

<sup>17</sup> Como se pode ver nessas passagens: “Rio meu de amor é o Urucuia” (p. 58); “... rio Urucuia é o meu rio – sempre querendo fugir, às voltas, do sertão, quando e quando; mas ele vira e recai claro no São Francisco...” (p. 435); “O Urucuia é um rio, o rio das montanhas. Rebebe o encharcar dos brejos, verde a verde, veredas, marimbús, a sombra separada dos buritizais, ele. Recolhe e semeia areias” (p. 329).

Como bem observou Walnice Galvão (1986, p. 101), “Diadorim possuía a virtude mais prezada do homem do sertão – a valentia – justamente aquela que se faz critério de virilidade”. Se ele possui traços femininos, no entanto também reúne em si as qualidades masculinas mais valorizadas no universo guerreiro dos jagunços, onde “homem é rosto a rosto; jagunço também: é no quem-com-quem” (p. 124): a coragem extrema, o vigor e ferocidade na luta. Nas palavras de Riobaldo, “Diadorim era assim: matar, se matava – era para ser um preparo. O judas algum? – na faca! Tinha de ser nosso costume. Eu não sabia?” (p. 31). Sempre pronto para o combate, ele “se fazia em fúria”, “de pancada”, “ansiava raiva”: Diadorim “sabia era a guerra”. Sabia porque conhecia bem, tinha gosto e o próprio sabor da guerra.

Estas qualidades, que definem Diadorim como homem viril, colocam-no lado a lado com os heróis épicos da *Iliada*, os quais são constantemente comparados a animais ferozes (que atacam sozinhos ou em bando – como o leão, emblema das virtudes guerreiras; touro, leopardo, pantera; lobos, javalis, cães) e a forças da natureza (fogo/incêndio, tempestade/furacão, ou a voragem de um rio).<sup>18</sup> Tanto na *Iliada* quanto no *Grande sertão: veredas*, bem mais do que um simples ornamento, essas comparações expressam e põem em evidência a natureza violenta do ardor guerreiro: o desejo de matar (Loraux, 1994, p. 29-48). Elas explicitam um laço de identidade, uma qualidade comum entre homens e feras que incide sobre a aparência física e o comportamento, e que os leva a matar e arriscar a vida no combate.

À maneira de Aquiles, possuído de furor homicida para vingar a morte de Pátroclo, Diadorim cumpre o “mandado de ódio” de seu pai, “forcejando por vingança”. Ele quer o sangue dos “judas” “fora das veias”. É assim que, “em febre de ódio”, Diadorim se transfigura de tal forma no momento da luta que Riobaldo quase não reconhece o amigo: seus olhos ficam sombrios, riscados de vermelho, sumidos dentro das órbitas; a cara muito branca; os cabelos desgrenhados; rilhando os dentes. Em sua ânsia de “acertar e executar”, “nem toma consigo muita cautela”. Ele não teme a morte e, para espanto de Riobaldo, luta com gosto e regozijo, com todo afinco, sem descuidar de nada, sem nenhum desleixo, sem querer ser importunado ou impedido: “Diadorim guerreava, a seu comprazer, sem deszelar, sem querer ser estorvado”. (p. 257)

Sua ferocidade e prazer na luta exercem em Riobaldo uma estranha atração, misto de horror e fascínio. Diadorim: “Danado!”. O seu ardor guerreiro possui um encanto diabólico que o aproxima de um outro personagem do romance, espécie de encarnação do mal e do prazer na morte: o Hermógenes. Mas não cabe aqui de-

<sup>18</sup> Para uma análise das comparações e demais características da narrativa épica – epítetos, multiplicidade nas imagens, dualidade de nomes, antecipações, intercalações e perguntas retóricas – que são recriadas no *Grande sertão: veredas*, ver Martins Costa, “Rosa, ledor de Homero” (1997-1998).

envolver este tema, que será abordado em outra ocasião. Por ora, basta assinalar apenas que há traços comuns entre eles. Como vimos, Diadorim, delicado e terrível, conjuga em si qualidades masculinas e femininas que fazem dele um ser estranho e inquietante. É a sua ambigüidade que exerce em Riobaldo uma atração irresistível, atração esta que o faz sentir a presença do demo, o enganador, mestre das artimanhas ocultas. Não é por acaso que as veredas sempre conduzem a ele.

## ABSTRACT

**B**ased on a field research into the *sertão* (backlands) of Minas Gerais and into **Grande sertão: veredas**, I have assumed that the word *vereda* means not only “path”, like a road or a river, but also the absence of path or a misleading path. This ambiguity, contained in the title of Rosa’s novel and in all of its pages, is analysed having as a starting point the figure of Diadorim, an ambiguous character, strange and shifting like quicksand: he is delicate and terrible, he charms and repels, he is masculine and feminine at the same time. Even though he has feminine traits, he also displays masculine qualities that are considered most precious in the virile and bellicose universe of the *jagunços*: extreme courage, vigour and ferocity in combat, characteristics which place him side by side with Homeric heroes.

**Keywords:** Diadorim; *Vereda*; *Buriti*; Ambiguity; Comparisons with animals, Homeric heroes.

## Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos/CEBRAP*, São Paulo, n. 40, p. 7-29, nov. 1994.
- BOLLE, Willi. Diadorim – a paixão como *medium-de-reflexão*. In: DUARTE, L. P., ALVES, M. T. A. (Orgs.). *Outras margens*. Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2001. p. 331-358.
- CAMPOS, Augusto de. Um Lance de “Dês” do *Grande Sertão* [1959]. In: COUTINHO, Eduardo. (Org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 321-349. (Coleção Fortuna Crítica, 6).
- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos [1957]. In: COUTINHO, Eduardo. (Org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 294-309. (Coleção Fortuna Crítica, 6).
- CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do “Grande sertão”*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- COSTA LIMA, Luiz. O sertão e o mundo: termos da vida. *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 73-99.

- COSTA LIMA, Luiz. O buriti entre os homens ou o exílio da utopia [1972]. *A metamorfose do silêncio*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 129-79.
- COUTINHO, Eduardo. Diadorim e a desconstrução do olhar dicotômico em *Grande sertão: veredas*. In: DUARTE, Lélia Parreira e ALVES, Maria Theresa Abelha (Org.). *Outras margens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 37-48.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* [1902]. 29. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves/INL/MEC, 1979.
- CUNHA, Euclides da. *Caderneta de campo*. São Paulo: Cultrix/INL/MEC, 1975.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso* (Um estudo sobre a ambigüidade no *Grande sertão: veredas*) [1972]. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *A donzela guerreira*. São Paulo: Senac, 1998.
- GARBUGLIO, J. C. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.
- LORAU, Nicole. L'Illiadé moins les héros. L'Inactuel. *Psychanalyse & Culture*, Paris, Calmann/Lévy, n. 1 ("Guerres"), p. 29-48, 1994.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.
- MARTINS COSTA, Ana Luiza. As cadernetas do viajante João Rosa. *Guimarães Rosa*. Suplemento literário de Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 19, p. 9-11, nov. 1996.
- MARTINS COSTA, Ana Luiza. Rosa, leitor de Homero. *Revista USP*, Dossiê 30 anos sem Guimarães Rosa. São Paulo, n. 36, p. 46-73, dez./fev. 1997-98.
- MARTINS COSTA, Ana Luiza. Rosa, leitor de relatos de viagem. *Veredas de Rosa*. Lélia Parreira Duarte *et al.* (Orgs.). Belo Horizonte: PUC Minas, 2000. p. 40-45.
- MARTINS COSTA, Ana Luiza. João Guimarães Rosa, *viator*. *Letterature d'America*. Roma: La Sapienza. Ettore Finazzi-Agrò (Direttore responsabile). Anni XIX-XX, n. 81-82, 1999-2000, p. 39-78.
- MARTINS COSTA, Ana Luiza. *Os nomes do Rosa*. Roteiro e pesquisa do documentário sobre a vida e obra de João Guimarães Rosa. Exibido na GNT/NET, em 5 episódios de 45', em dezembro de 1997.
- MARTINS COSTA, Ana Luiza. *Buriti*. Roteiro e pesquisa do documentário sobre seu Zito, Rosa e as veredas. Exibido na TV Futura, 2001.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. Trilhas no *Grande sertão*. *Augusto dos Anjos e outros ensaios* [1958]. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo/INL/MEC, 1973. p. 155-240.
- ROSA, João Guimarães. *A boiada 1*. Documento inédito, datilografado, 80 páginas, Pasta E28. Arquivo Guimarães Rosa, Instituto de Estudos Brasileiros/USP, [19--].
- ROSA, João Guimarães. *A boiada 2*. Documento inédito, datilografado, 78 páginas, Pasta E29. Arquivo Guimarães Rosa, Instituto de Estudos Brasileiros/USP, [19--].
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas* [1956]. 10. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.
- ROSA, João Guimarães. *Campo geral; Uma estória de amor (Corpo de baile, 1956). Manuelzão e Miguilim*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

ROSA, João Guimarães. O recado do morro; Cara-de-bronze; A estória de Lélío e Lina (**Corpo de baile**, 1956). **No urubùquaquá, no pinhém**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

ROSA, João Guimarães. Dão-lalalão; Buriti (**Corpo de baile**, 1956). **Noites do sertão**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.

ROSA, João Guimarães & BIZZARRI, Edoardo. **João Guimarães Rosa**. Correspondência com o tradutor italiano. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1972.

ROSENFELD, K.H. **Os descaminhos do demo**. Rio de Janeiro: Imago/Edusp, 1993.

STARLING, Heloisa. **Lembranças do Brasil**. Teoria, política, história e ficção em **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Iuperj/UCAM/Revan, 1999.

UTÉZA, Francis. **Metafísica do “Grande sertão”**. Trad. José Carlos Garbuglio. São Paulo: Edusp, 1994.